



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

TRAVESSIA: POESIA, RESISTÊNCIA E LUTA
NAS RODAS CULTURAIS DO PAC'STÃO E DA UNIÃO PH

Thiago Antunes Caetano Alves

Rio de Janeiro/ RJ
2017

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO**

**TRAVESSIA: POESIA, RESISTÊNCIA E LUTA
NAS RODAS CULTURAIS DO PAC’S TÃO E DA UNIÃO PH**

Thiago Antunes Caetano Alves

Relatório técnico apresentado à Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social, Habilitação em Radialismo.

Orientador: Prof. Dr. Fernando Fragozo

Rio de Janeiro/ RJ
2017

**TRAVESSIA: POESIA, RESISTÊNCIA E LUTA
NAS RODAS CULTURAIS DO PAC’S TÃO E DA UNIÃO PH**

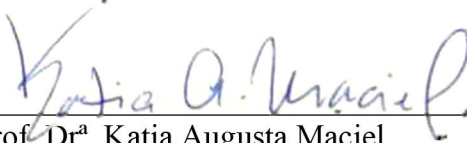
Thiago Antunes Caetano Alves

Trabalho apresentado à Coordenação de Projetos Experimentais da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social, Habilitação Radialismo.

Aprovado por



Prof. Dr. Fernando Fragozo – orientador



Prof. Dr^a. Katia Augusta Maciel



Prof. Dr. Fernando Salis

Aprovada em: 04/07/2017

Grau: 10,0

Rio de Janeiro/ RJ
2017

ALVES, Thiago Antunes Caetano

Travessia: poesia, resistência e luta nas rodas culturais do Pac'stão e da União PH /
Thiago Antunes Caetano Alves – Rio de Janeiro; UFRJ/ECO, 2017.

43f.

Relatório Técnico (graduação em Comunicação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação, 2017.

Orientação: Fernando Fragozo

1. Documentário. 2. Periferia. 3. Roda Cultural 4. Resistência Cultural. I. FRAGOZO, Fernando (orientador) II. ECO/UFRJ III. Radialismo IV. *Travessia*

AGRADECIMENTO

Agradeço à Universidade Federal do Rio de Janeiro e aos seus docentes pela oportunidade de estudar em uma das maiores instituições do país e por dividirem comigo o sonho do ensino público de qualidade.

Aos meus pais, por todo amor e carinho com nossa família e pelo incentivo as minhas jornadas profissionais e pessoais.

Aos santos e orixás pela força e luz para continuar com fé e esperança em um mundo melhor para se viver.

Aos amigos por estarem ao meu lado e compartilharem comigo suas histórias e visões de mundo.

A Isabela, pela grande parceria de vida, pela influência de jornalista na minha carreira e pelo apoio de sua família para que eu fizesse vestibular.

A Brunna Arakaki e a Iara Pinheiro por serem portos seguros e contribuírem de forma direta e indireta para essa monografia.

Ao meu companheiro e marido, Matheus Paes, por todo amor, carinho, respeito e apoio emocional nos momentos de grande dificuldade.

Ao Bando Editorial Favelofágico, especialmente a Flora Almeida e ao Felipe Eugênio, por me proporcionarem o contato com a produção de literatura periférica.

Aos personagens de Travessia e às Rodas Culturais, por cederem o espaço, por compartilharem suas histórias e por fazerem, de sua arte, resistência.

*“Quero só tirar as correntes,
que eu nem sei quem colocou”*

Alexsander Leonício

ALVES, Thiago Antunes Caetano. ***Travessia: Poesia, resistência e luta nas rodas culturais do Pac’stão e da União PH***. Orientador: Fernando Fragozo. Rio de Janeiro, 2017. Relatório Técnico (Graduação em Radialismo) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

RESUMO

Travessia é um curta-metragem documental sobre as rodas culturais do Pac’stão, em Manguinhos, e da União PH, no Arará. Ambas são comunidades no Rio de Janeiro. O filme busca ampliar as vozes de jovens artistas periféricos que, apesar da carência de políticas de incentivo à cultura nesses locais, semanalmente se reúnem em espaços públicos com intervenções ligadas ao hip hop, como a rima improvisada, o break e o graffiti. Gravado em 2016, durante a seleção de poetas e poetisas para o Baile Literário de Manguinhos, o filme traz a força do discurso da juventude e a importância da arte para suas vidas. Esse relatório detalha como foi o processo de realização do filme desde sua concepção, a dinâmica de criação do projeto e as considerações do autor sobre o trabalho.

Palavras-chave: Documentário. Periferia. Roda Cultural. Resistência Cultural.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
1.1 CONTEXTO DO TRABALHO.....	10
1.2 OBJETIVO.....	12
1.3 JUSTIFICATIVA.....	14
1.4 ORGANIZAÇÃO DO RELATÓRIO.....	15
2 PRÉ-PRODUÇÃO.....	15
2.1 PESQUISA E REFERÊNCIAS.....	15
2.2 DEFINIÇÃO DO ENFOQUE NARRATIVO.....	17
2.3 PÚBLICO-ALVO.....	18
2.4 DEFINIÇÃO DOS PERSONAGENS.....	19
2.5 AQUISIÇÃO DOS DIREITOS NECESSÁRIOS.....	19
2.6 DEFINIÇÃO DE LOCAÇÃO.....	20
2.7 INFRAESTRUTURA NECESSÁRIA.....	21
2.8 ORÇAMENTO E FONTE DE FINANCIAMENTO.....	22
2.9 PLANEJAMENTO E CRONOGRAMA.....	23
3 PERCEPÇÕES.....	23
3.1 BANDO EDITORIAL FAVELOFÁGICO.....	24
3.2 AS RODAS CULTURAIS.....	25
3.1.1 MANGUINHOS.....	27
3.1.2 ARARÁ.....	28
3.3 PERSONAGENS.....	29
3.3.1 JÉSSICA COLLUCI.....	29
3.3.2 ALEXANDER LEONÍCIO.....	30
3.3.3 MATHEUS LEEDY.....	30
3.3.4 GUILHERME ANTUNES.....	31
3.3.5 TARCÍSIO LIMA.....	31
3.3.6 BRUNO FELIPPE.....	32
3.3.7 ALEXANDRE CAMPOS.....	32

4 TRAVESSIA.....	33
4.1 CONCEPÇÃO DA OBRA.....	33
4.2 MONTAGEM E EDIÇÃO.....	34
4.2.1 LETTERING.....	34
4.2.2 CAPTAÇÃO E EDIÇÃO DE IMAGENS.....	35
4.2.3 CAPTAÇÃO E EDIÇÃO DE SONS.....	35
4.3 A EXIBIÇÃO	36
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	37
REFERÊNCIAS.....	39
APÊNDICE I	41
APÊNDICE II	42
ANEXO I	43

1 INTRODUÇÃO

O documentário *Travessia* surge da oportunidade de poder contribuir com o Bando Editorial Favelofágico, gravando em diversas rodas culturais que selecionaram oito poetas para o concurso ocorrido durante o Baile Literário de 2016. O Bando é uma editora independente que, além de publicar autores periféricos que se identificam com uma perspectiva contra hegemônica, também atua com a promoção da literatura em suas diversas vertentes. Apesar de não constar na programação, editei o primeiro corte do *Travessia* especialmente para o dia do Baile Literário, com objetivo de aumentar a participação dos frequentadores da roda no evento, mostrar as imagens das etapas de seleção e empoderar esses jovens, a partir da oportunidade de se verem projetados no seu respectivo território.

Neste item, revelarei os motivos, interesses e objetivos em produzir esse trabalho, além de salientar a sua importância dentro do contexto histórico-político atual do Rio de Janeiro e do Brasil.

1.1 Contexto do trabalho

A ocupação do espaço público com manifestações culturais é um tema que desperta o meu interesse. Por isso, durante a graduação elaborei alguns trabalhos para diferentes disciplinas acerca do assunto. A escolha por dirigir o filme *Travessia* como projeto final se deu apenas depois de estudar outros temas afins e apresentar o pré-projeto “Da Rua”, que seria uma websérie documental, que analisaria as formas com que os diferentes tipos de registros afetam a vida e a carreira dos artistas de rua.

Motivos pessoais, somados às dificuldades técnicas e de agenda com alguns dos artistas selecionados me levaram a interromper esse projeto. Após dois meses de buscas por algo que me despertasse a vontade de aprofundamento e de realização de um trabalho audiovisual, em uma conversa com Brunna Arakaki, amiga e estudante de Produção Editorial da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, fui apresentado ao Bando Editorial Favelofágico. Desse encontro surgiu o convite para gravar um documentário sobre a Residência Literária e a seleção de poetas para o concurso, que ocorreu durante o Baile Literário de 2016.

Desde o início das gravações, tive como referência o formato de algumas reportagens da TV Folha e da Mídia Ninja que, possivelmente influenciadas por Eduardo Coutinho, têm a narração guiada pelas narrativas dos personagens. Sobre a obra do documentarista, Furtado sugere que a subjetividade dos depoimentos tem estreita ligação com o percurso da narrativa : “Nesse sentido, pode-se dizer que, nos documentários de Eduardo Coutinho, a verdade subjetiva é aquela que se impõe como fio condutor da obra, a partir de uma temática” (FURTADO, 2012, p.4). Em *Travessia*, não há um personagem que guie a narrativa. Apesar do interesse pessoal maior em alguns dos entrevistados, busquei contemplar uma gama de histórias, pensando na dinâmica coletiva da própria roda cultural de Manguinhos, a qual tem a horizontalidade das relações e a participação coletiva como princípios, apesar da essencialidade da participação de produtores, apresentadores e DJ para a existência da roda. Com isso em mente, o filme retrata as rodas culturais, baseando-se tanto nas falas, quanto nos poemas e nas músicas, declamados e cantados pelos jovens artistas.

A aproximação do Cinema Verdade, do qual Eduardo Coutinho é um expoente brasileiro, não se dá apenas por esta característica, mas também por acreditar que as filmagens, ainda que não “inventadas”, não registram o real, portanto “nos remete, necessariamente, a uma estrutura de ficção que é inerente a qualquer produção artística. A subjetividade do autor, a sua leitura do mundo, o seu estilo ‘contaminam’ o objeto, construindo a sua representação.” (FURTADO, 2012, p.2)

Desde o primeiro dia de gravação, em Novembro de 2016, percebi como a presença de uma pessoa desconhecida dos participantes e de fora da comunidade dos frequentadores de rodas culturais e do movimento do rap causou um estranhamento entre os mais habituados. Fui apresentado pela colaboradora do Bando e frequentadora da roda, Flora Almeida, que estava em contato com os organizadores, a fim de planejar as seletivas para o Baile.

Esperei algum tempo até retirar os equipamentos de seus compartimentos, tanto para não agravar esse estranhamento, como também por questões de segurança, já que havia sido repreendido por moradores por estar filmando em outra parte da comunidade, quando gravava com escritores participantes da Residência Literária. Apesar desse cuidado e de evitar a utilização de muitos equipamentos - usei uma câmera LDSR e um microfone direcional acoplado, a presença da câmera mudou a forma que os participantes me percebiam. Contrário ao que esperava, eles não ficaram avessos a minha presença, mas sim se

aproximaram para entender o que eu buscava ali e também pelo aparente desejo de figurarem nas imagens.

Travessia não teve um roteiro pré-estabelecido, neste aspecto houve uma aproximação com os filmes do ‘cinema-olho’, que “estão em montagem a partir do momento em que se escolhe o assunto até a cópia final, ou seja, estão em montagem durante todo o processo de fabricação do filme”. (VERTOV, “Du ‘Ciné-Oeil au ‘Radio-Oeil”, apud DA RIN, 2004, 117) Sem saber exatamente os rumos das gravações e não conhecendo a fundo o tema retratado, as descobertas e os diálogos foram essenciais para dar forma ao material que captava.

1.2 Objetivo

Apesar de já ir a campo filmar com a finalidade de realizar um documentário, foram nas rodas que a vontade de ampliar os efeitos daquele movimento cultural e levá-lo a outros espaços se tornou mais forte. Parece urgente e fundamental apresentar o trabalho e a arte desses jovens àqueles que não conhecem e, aos que já conhecem, reforçar a importância desse movimento de resistência.

Documentar as rodas culturais é preciso. Apesar dos avanços tecnológicos possibilitarem a gravação e a difusão de registros, ainda são relativamente poucos os espaços destinados a debater e valorizar as rodas culturais na internet e, praticamente, nenhum na mídia tradicional. Marginalizados, esses jovens têm a música, a dança e a poesia como forma de expressão e, comumente, a utilizam para retratar como são tratados pelo Estado. Apesar da contemplação de alguns programas de governo, como o PAC - Programa de Aceleração do Crescimento, do governo federal, e da implantação de uma UPP - Unidade de Polícia Pacificadora na região, os moradores continuam carecendo de direitos fundamentais, como saneamento básico e segurança. A região tem sido constantemente palco de conflitos entre policiais e o tráfico, que nos últimos anos já fez dezenas de vítimas fatais. Esta grave situação fez com que a Fiocruz - Fundação Oswaldo Cruz, que tem sede no local, realizasse, no dia 25 de Abril de 2017, um ato a fim de promover uma reflexão sobre a necessidade de enfrentamento da violência e chamar a atenção sobre a situação vivida na região. As políticas públicas locais não são pensadas em conjunto com os moradores, resultando no desperdício de verba e na inadequação desses programas. Além disso, muitas iniciativas não são

continuadas. Exemplo de descaso é a Praça do Pac'stão, que conta com um grande chafariz, que nunca foi ligado, e atualmente carece de limpeza pública.

A praça de uma área periférica da cidade utilizada como espaço político e ressignificada com a ocupação de jovens já é de grande relevância para se elaborar um documentário. No caso de Manguinhos, além dessa juventude marginalizada se apropriar do local, o renomearam de tal forma que fizesse mais sentido para a comunidade.

O nome 'PAC'stão' foi escolhido pelos seguintes motivos: para fazer referência ao país Paquistão e ao fato de ser uma área de conflitos armados ("Faixa de Gaza"). Além disso, também pela ocupação que os jovens fazem na praça que recebeu o PAC (Programa de Aceleração do Crescimento). Essa junção deu origem ao nome. 'PAC é Por Amor à Cultura. O nosso principal foco é atingir as crianças da nossa comunidade, porque nossa realidade é drástica. Através do Rap, e dos livros, nós tentamos mudar nosso futuro', diz Jéssica Tapre, uma das organizadoras dos eventos.¹

A apropriação do espaço público pela população local a fim de promoção de cultura se torna ainda mais importante, pois não há um esforço do poder público de motivar o engajamento político de jovens, principalmente durante governos pouco ou nada preocupados com prioridades sociais. Exemplo disso é que em meio à crise política e financeira vivida no Brasil e à falência do Estado do Rio de Janeiro, o governador Fernando Pezão teve como uma de suas prioridades o corte de verba da rede de Bibliotecas Parques, tida pelo próprio governo como pólo de atividades culturais, informação e lazer acessível a todos, o que resultou no fechamento de suas quatro unidades. Uma delas na praça do Pac'stão. Portanto adolescentes se reunirem semanalmente a fim de produzir e difundir sua arte, mesmo em um contexto de adversidade, é um movimento cultural e político que merece atenção da sociedade.

Verbalizar as denúncias é importante para estes jovens e é ainda mais para aqueles que ouvem. A sociedade precisa dar mais atenção a fala desses adolescentes periféricos para conhecer quais são suas demandas, prazeres e sofrimentos. É através de suas falas que chegaremos mais perto de entender como os mesmos percebem os seus cotidianos.

Travessia busca também fomentar e apoiar a continuidade das rodas, para que, mesmo sem incentivo governamental, seus organizadores tenham parceiros na árdua tarefa de organizar um evento democrático e amplo e de frequência semanal. O documentário visa

¹ Jornal Fala Manguinhos, 14ª Edição, 2016. Disponível em: <http://www.falamanguinhos.com.br/wp-content/uploads/2017/02/Jornal-de-Manguinhos.pdf>. Acessado em: 20 de Abril de 2016.

ampliar as fronteiras das rodas e fazer com que esses agentes culturais cheguem a outros espaços, quando não presencialmente, retratados de forma audiovisual.

1.3 Justificativa

O atual contexto político brasileiro, afetado pelo impeachment, de legalidade questionável, da presidente Dilma Rousseff e pelos desdobramentos da operação da Lava Jato, ameaça a República e a democracia. Nesse cenário, se torna ainda mais urgente valorizar os espaços de resistência periféricos, onde são feitas diariamente a micropolítica. Com base nos estudos de Foucault, Guatarri (1985) afirma que a micropolítica se trata de uma nova forma de luta: “não somente aquelas que se estabelecem no âmbito das classes, dos grupos em vias do poder, mas contra as formas de assujeitamento. Por fim, ele antevia uma região em que as técnicas de poder misturam-se às técnicas de si”. Logo, as atividades desses sujeitos nas rodas culturais são reafirmações, que valorizam suas identidades, ainda que marginalizadas na sociedade.

Penso que é mais seguro para a manutenção do estado de direito, quando jovens se veem como sujeitos sociais e, assim, levam a outros a consciência da importância de sê-lo. Assim como defende Dayrell (2003), “o homem se constitui como ser biológico, social e cultural, dimensões totalmente interligadas, que se desenvolvem com base nas relações que estabelece com o outro, no meio social concreto em que se insere”. O pesquisador faz essa afirmativa com base no estudo de Bernard Charlot (2000), no qual entende o sujeito como ser ativo, que age no mundo e sobre o mesmo. Nessa ação, ao mesmo tempo em que produz, também é produzido no conjunto das relações sociais no qual se insere.

A relação entre o estudo acadêmico e a produção de conhecimento da periferia é outro ponto que busco contemplar ao ter esse filme como projeto de conclusão de curso. Defendo a importância da academia estudar temas periféricos e, também, abrir espaços de fala para grupos normalmente estigmatizados e marginalizados. Ouvir e criar registros de um movimento de resistência jovem na periferia em tempos político-sociais instáveis é algo que me motivou durante todo o processo de realização deste filme até agora.

Além disso, *Travessia* contribui na criação de uma identidade desses jovens. Durante a exibição do filme no Baile Literário, foi possível perceber o orgulho que sentiam ao se verem representados em uma grande tela. Mostrar que a arte que produzem também

desperta o interesse de outras pessoas e que é importante de ser documentada e mostrada em outros espaços é engrandecedor para muitos dos que participaram e, também, para aqueles que frequentam esses espaços e dialogam com a cultura do rap e das rodas culturais. Essa valorização incentiva a continuidade da produção das rodas, ainda que frente a tantas situações adversas, como repressão policial e dificuldades financeiras para compra e manutenção de equipamentos.

Além disso, o documentário destaca a importante busca por conhecimento e diferentes fontes de informação por parte desses jovens. Conhecer a arte produzida por esses rappers e poetas é fundamental para compreender as vivências dos jovens periféricos no Rio de Janeiro e em muitas outras cidades do País.

1.4 Organização do Relatório

Este relatório foi organizado de forma a detalhar as etapas do desenvolvimento do curta-metragem documental apresentado. No item *Pré-Produção* são descritos os processos de preparação e pesquisa da concepção da obra, assim como o planejamento do projeto. O item *Realização* descreve a fase de execução do trabalho prático, desde como surgiu o meu contato com as rodas culturais, a minha compreensão da dinâmica de cada uma delas até uma breve narrativa sobre percepções de cada artista retratado. Por fim, no item *Travessia* são explicitadas questões acerca do recorte narrativo, da montagem e da recepção do filme pelos artistas retratados e pelos frequentadores das rodas.

2 PRÉ-PRODUÇÃO

2.1 Pesquisa e Referências

Desde antes de filmar *Travessia*, já sentia a influência do Cinema Direto e do Cinema Verdade em outros produtos audiovisuais que desenvolvi. Exemplos disso são as reportagens que fiz para o Canal Verbo, no Youtube, e alguns outros trabalhos elaborados na graduação, como o que buscou analisar, através das narrativas de pessoas comuns, as diferentes formas que uma mesma matéria jornalística é recontada. Para isso, foi pedido que cada um assistisse a mesma reportagem e, posteriormente, contasse perante a câmera o que viu. O resultado nos

mostrou como a mensagem é reconstruída toda vez que recontada de acordo com as percepções de mundo de cada um.

No caso deste filme, um dos aspectos que o aproxima do Cinema Direto é a minha tentativa de não intervir, ou intervir o mínimo, nos hábitos dos participantes das rodas culturais. As gravações dos artistas durante suas apresentações foram feitas do meio da plateia e o local foi escolhido pelos organizadores da roda. Em nenhum momento fiz considerações com os mesmos sobre fotografia, iluminação ou captação de som. Logo, a filmagem se adequou à dinâmica já existente, para que o meu papel e o da câmera fossem o mais coadjuvante possível, dividindo o mesmo espaço dos espectadores. Porém, a todo momento tinha em mente que a minha presença com uma câmera já alterava a normalidade dos fatos e, também, assim defende Da-Rin (2004): “a própria estrutura da imagem cinematográfica supõe fatores irreduzíveis, como a escolha entre o que mostrar ou não, a organização daquilo que é mostrado, a sua duração e a ordenação dos planos. A transparência da realidade no cinema é uma falácia”. Tanto a minha presença suscitar uma representação nos jovens e as minhas escolhas filmicas e estéticas, por si só, já serem um recorte e um ponto de vista daquela realidade corroboram para o entendimento de que não haveria uma forma de gravar que captasse a integridade dos fatos.

Nesse sentido, em alguns aspectos também me aproximo do Cinema Verdade. Isso pode ser visto nas diversas entrevistas e na interação entre câmera e personagem, como no momento em que o rapper Duclan, Matheus Leedy, pede para que eu filme a roda do Arará, a fim de mostrar a quantidade de pessoas que estavam presentes. Os contatos iniciais com os participantes da roda de Manguinhos já me mostravam que era importante assumir a percepção da minha presença como estética e incorporá-la ao filme. Digo isso, pois durante o primeiro dia de filmagem me incomodei em alguns momentos com os olhares dos artistas para a câmera durante suas apresentações. Assim como relatei anteriormente, alguns jovens demonstraram interesse em serem filmados. Logo, isso sustentou que haveria uma interpretação a frente da câmera. A filmagem representava uma possibilidade de amplificar as denúncias sobre os problemas vividos na periferia e de divulgação de suas carreiras, portanto fica claro que isso influenciou nas suas falas.

Busquei realizar as entrevistas somente após filmar as apresentações dos artistas. Com isso, consegui fazer uma primeira seleção dos participantes e, principalmente, mantive oculto meu interesse em alguns personagens específicos e o meu propósito no território, a princípio.

Sem um roteiro prévio, busquei, durante as gravações, pensar as possibilidades fílmicas que teria com o material captado. Nesse aspecto, me aproximo do cinema de Eduardo Coutinho, grande representante brasileiro do Cinema Verdade: “Contrariamente a reportagens e documentários que se aproximam do assunto com um saber estabelecido. Coutinho se concentra no presente da filmagem para dali extrair todas as possibilidades” (TEIXEIRA, 2004, p. 183).

Algumas leituras foram fundamentais para a estruturação e para o pensamento teórico sobre o filme, como o “Cinema Verdade no Brasil”, de Fernão Pessoa Ramos, e “Espelho Partido”, de Silvio Da-Rin. Esses textos serviram como base para os meus estudos sobre documentário e suas diferentes correntes. Foi a partir deles, que busquei outras referências, como o artigo de Daiane Chioquetta sobre as relações entre o Cinema Verdade e as videorreportagens brasileiras.

Chioquetta estuda alguns formatos televisivos, como o Globo Repórter, mas sua pesquisa pode ser associada a outros programas do mesmo gênero formatados para a web, como são os casos de minidocs feitos pela Mídia Ninja e reportagens da Tv Folha. Estes últimos influenciam muito a forma na qual captei e editei os materiais. A pesquisadora ressalta que a influência do Cinema Direto e Verdade nos programas televisivos brasileiros se deu na década de 70, pois “o campo cinematográfico foi marcado pelo esfacelamento do Cinema Novo em função das novas demandas do mercado cultural e da repressão política pós Ato Institucional nº 5 em 1968. Isso culminou na entrada de muitos cineastas em emissoras de televisão, inaugurando uma parceria inédita na época.” (CHIOQUETTA, 2008). Atualmente, essas influências continuam sendo percebidas nos novos formatos desenvolvidos para a web.

Sobre a representatividade e a recepção dos jovens à exibição do filme em seu próprio território, busquei nos filmes “Cabra Marcado Para Morrer”, de Eduardo Coutinho, “Crônica de um Verão”, de Jean Rouch, e em estudos sobre os mesmos me aprofundar nesse tema.

2.2 Definição do Enfoque Narrativo

A construção do roteiro e do enfoque narrativo foi se dando durante as gravações e, principalmente, na montagem do filme. Cheguei a campo sem saber muito bem o que esperar

e comecei a captar tudo que me parecia interessante, além das apresentações e entrevistas, construções, atividades cotidianas, pichações, grafites, etc. Toda vez que chegava em casa, após as gravações, revia os materiais e, mentalmente, selecionava alguns trechos mais relevantes para a construção do filme.

Antes de começar as filmagens nas rodas, tinha em mente a construção de um filme que abordasse a produção de literatura na favela, tanto com a residência literária, realizada pelo Bando Editoria Favelofágico, como também com a poesia e arte do rap, produzida pelos jovens periféricos e apresentada nas rodas culturais. Após as gravações, apesar de ter material captado de ambos assuntos, vi nas rodas culturais uma potência muito grande que me motivou a construir a narrativa de todo o filme ao entorno delas.

Nesse momento, surgiu um novo conflito acerca do roteiro. O objetivo do filme era, também, o de dar conta das seleções de poetas para o Baile Literário de Manguinhos. Porém, as seletivas tiveram alguns contratemplos, como a falta de poetas em algumas rodas e a necessidade de escolher artistas em outros espaços, que não estavam programados. Apesar de, por sorte, possuir registros de todos os selecionados, não tinha todas as filmagens das seleções em si. Por conta disso, revisei todo o material e procurei uma narrativa que fosse menos datada e que tivesse como foco as artes, a resistência e a importância das rodas culturais, possuindo como recorte a União PH e a do Pac'stão.

2.3 Público-Alvo

Estabelecer o público-alvo deste projeto não é delimitar os seus espectadores, tendo em vista que uma das missões do *Travessia* é divulgar e valorizar as rodas culturais para diversos grupos sociais. Porém desejo levar o filme, em um primeiro momento, aos frequentadores desses espaços, admiradores da cultura de rua e amantes de documentários. Também acredito na potencialidade das rodas culturais e deste curta metragem e, portanto, na possibilidade de que o filme alcance novos espaços e, assim, sirva para apresentar aos que desconhecem o que os jovens têm feito semanalmente em diversas praças da cidade. Além da Praça do Pac'stão, até o momento em que escrevo este projeto, o curta foi apresentado na

Fiocruz, também em Manguinhos, e em Berlim, no bar-cinema *Zukunft*. Pretendo inscrevê-lo em festivais e, posteriormente, o disponibilizar em plataformas na Internet.

2.4 Definição dos Personagens

Houve dois momentos de seleção dos personagens. Durante a gravação e na edição do material. Nas batalhas, busquei captar todo o material possível. A partir desse momento, gravava uma entrevista com os vencedores e com os artistas com mensagens mais engajados e impactantes, normalmente os finalistas. Há diferenças entre as batalhas de sangue e as de Poesia, tanto o que diz respeito à dinâmica e seleção dos melhores, como a quantidade de inscritos e a rotatividade da apresentação. As batalhas de sangue, nas quais estive, tinham dezenas de inscritos e nem sempre saía apenas um vencedor. Eram feitas espécie de blocos de batalhas. Já as de Poesia, que tinham como objetivo selecionar artistas para o Baile, ao fim, criaram um ranking dos mais bem votados pelo público. Vale dizer, que alguns artistas transitam entre as duas modalidades.

Ao fim de todas as gravações, possuía a identificação e uma entrevista de todos os poetas finalistas, mas não de todos os que participaram das batalhas de sangue. Apenas na pós-produção elegi quais os trechos que viria a utilizar. Por isso, os rappers que aparecem nesses momentos não estão identificados no filme. Procurei contemplar a maior gama de artistas possíveis, respeitando o ritmo e a narrativa filmica. O critério de seleção na montagem foi praticamente o mesmo, mensagens fortes e com grande apelo social, somados à qualidade estética da filmagem. No caso da batalha de sangue, busquei um trecho que ilustrasse a dinâmica e fosse crescente na argumentação dos jovens, o que, no caso do vídeo selecionado, culmina com os espectadores ovacionando.

2.5 Aquisição dos Direitos Necessários

A aquisição dos direitos foi uma questão que debati com a Flora Almeida, do Bando, na pré-produção do projeto. Fui aconselhado por ela a levar a autorização para que eu coletasse a assinatura de todos que participaram.

Eu levei comigo dezenas de autorizações impressas, porém quando comecei a filmagem, percebi que, junto com a vontade de ser filmado, havia também o receio do que seria produzido com aquelas imagens. Notei que possivelmente eu criaria um mal-estar em diversos jovens e certa desconfiança deles em relação a mim. O que comprometeria todo o projeto. Além disso, por ir sozinho a campo fazer a captação da imagem e do som, recolher as assinaturas representava interromper as gravações e interferir mais na dinâmica da roda e dos artistas. Com isso, resolvi que neste momento não recolheria as assinaturas, mas que teria alguns cuidados especiais, como o de evitar gravar, mesmo ao fundo, as pessoas da plateia em situações ilícitas ou comprometedoras, que pudesse gerar qualquer tipo de incômodo.

Tenho o contato de grande parte dos artistas filmados e com a produção da Roda do Pac'stão, onde a maior parte das gravações foi feita. Planejo agendar com eles uma exibição do curta durante a roda e chamar os artistas, poetas e rappers que estão presentes no filme. Neste evento, pretendo levar os pedidos de autorização de imagem. Assim, todos os que aparecem no filme poderão conhecer a última versão finalizada do curta-metragem, o que possivelmente diminuirá a apreensão, quanto ao produto final.

Quanto à trilha, precisava buscar músicas com celeridade para montar e editar o primeiro corte, tendo em vista que as gravações acabaram a poucos dias do evento. Por esse motivo, busquei no YouTube batidas remixadas, o que acredito diminuir as problemáticas do uso da música original. Penso em criar, junto com o Aleksander Leonício, poeta personagem do filme e morador de Manguinhos, uma trilha original para o filme. Busquei montar o *Travessia* em diálogo constante com os sons, a fim de elaborar um filme que tivesse como marca o seu ritmo.

2.6 Definição de Locação

As locações foram definidas ao longo do processo de filmagem. Todas na cidade do Rio de Janeiro. Elas foram escolhidas de acordo com a seleção dos poetas e de onde ocorria a oficina literária. Essa última não entrou no filme por motivos citados anteriormente, mas os registros foram feitos na sede da Rede CCAP - Centro de Cooperação e Atividades Populares, em Manguinhos.

A primeira gravação que fiz para o *Travessia* foi na praça do Pac'stão. Ainda desconhecia a dinâmica da roda e não tinha em mente o que o Bando me pediria para registrar. Por isso, filmei o máximo que pude. Para, na montagem, não carecer de materiais.

A segunda diária ocorreu no mesmo local, em Manguinhos. Porém, já conhecia as aspirações do Bando com o filme e as produções das rodas já estavam acertadas quanto a agenda de seleção. A primeira etapa foi marcada para este dia. A maior parte do filme foi gravada nas duas primeiras diárias.

A terceira locação foi na comunidade do Arará, na Roda da União PH, em mais um dia de seleção de poetas. Filmei todo o evento e realizei entrevistas com o Matheus Leedy e Bruno Felipe. Essas duas rodas estão presentes e nomeadas no filme, pois foram nelas que gravei as semifinais que selecionaram Bruno Felipe e Matheus Leedy. Além deste motivo, a praça é mostrada pelo rapper Duclan durante sua fala.

A quarta diária foi na Roda Cultural de Bonsucesso, onde haveria uma etapa de seleção. Realizei filmagens do espaço e algumas entrevistas com fins de divulgação do Baile, mas que não entraram no curta. O encontro acontece todas as sextas-feiras e, neste dia, o público não se fez tão presente e não teve poetas inscritos. Esses problemas na seleção fizeram com que a produção das rodas, em conjunto com a Flora Almeida, reconfigurassem os critérios de escolha para o Baile.

2.7 Infraestrutura Necessária

Por questões pragmáticas e a fim de diminuir os impactos da presença de estranhos nas rodas culturais, decidi que faria tanto a captação das imagens como as do som. Para isso, precisaria de um equipamento compacto e acessível. Utilizei a câmera Nikon D7100 e a lente Nikkor 50mm F/1.8D, que já possuía para outros trabalhos, e comprei o Microfone direcional Rode Videomic Rycote. O microfone funciona acoplado com a câmera o que possibilitou o meu desempenho em ambas as funções ao mesmo tempo. Essa escolha acarretou novas decisões durante a filmagem, como encontrar posições que, tanto possibilitassem um bom enquadramento da imagem, como captassem o som com qualidade.

Todo o *Travessia* foi filmado com a mesma lente. Apesar de possuir outras, nenhuma delas tem o diafragma tão aberto, o que permitiu a captação de uma imagem com qualidade estética alta, mesmo em ambientes com pouca iluminação.

Para a edição do material captado, utilizei o meu notebook, que possui instalado Adobe Premiere e After Effects. A montagem, a edição das imagens e mixagem sonora foram feitas por mim nestes programas.

2.8 Orçamento e Fonte de Financiamento

O projeto foi financiado através de um contrato de prestação de serviços entre o Centro Afro Carioca de Cinema, com sede na Rua Joaquim Silva, nº 40 - Lapa/RJ. O preço total dos serviços foi de R\$ 6.000,00 (Seis mil reais) e teve como fim o “Registro Videográfico” para a Segunda Edição da Agenda Cultural Mandela Vive, na qual o Baile Literário de Manguinhos faz parte. O contrato segue anexo ao fim deste relatório.

A verba deste projeto, originária da Lei de incentivo à Cultura, financiou também outros produtos, como vídeos de divulgação para o Baile, registros audiovisuais antes e durante o Baile Literário 2016 e, também, da edição de materiais de arquivo, armazenados com o Bonde Favelofágico.

Além deste projeto, tenho a intenção de continuar a produção de mini documentários e clipes com grupos ou artistas de rap periféricos. Assim como já o fiz com Alexander Leonício, personagem do filme, o qual gravei um clipe e algumas entrevistas para divulgação de seu trabalho.

Não houve nenhuma remuneração para a participação dos personagens. O gasto na pré-produção foi com a compra do microfone direcional Rode Videomic. Na etapa da produção, as despesas envolveram, majoritariamente, transporte e alimentação. A pós-produção não teve novos custos, pois toda montagem, edição e mixagem do filme foi realizada por mim em computador próprio, que já possuía os programas necessários instalados. O total de gastos encontra-se no Apêndice II deste documento.

2.9 Planejamento e Cronograma

A pré-produção, a filmagem e a edição do primeiro corte do filme aconteceram em novembro e dezembro de 2016. A reunião que oficializou a produção do documentário, ainda que com seu formato não definido, foi no dia 22 de novembro de 2016. Porém, um dia antes, já havia gravado na Roda de Manguinhos. Foi a partir da reunião, que confirmei as aspirações do Bando com o filme e comecei a estruturá-lo segundo minhas ideias.

As filmagens ocorreram em sete diárias, porém o material utilizado no filme foi captado, majoritariamente, em três dessas. As gravações foram feitas em dias próximos e de forma intensa, pois o Baile Literário aconteceu no dia 16 de dezembro e era preciso ter todos os poetas definidos até lá. O primeiro corte do filme também precisou ser trabalhado de forma rápida, já que gostaria de exibi-lo no Baile. Toda a pós-produção desta versão foi feita em onze dias.

Após à primeira exibição, o filme foi reeditado e sofreu ajustes finos de janeiro a abril de 2017. Essas alterações surgiram a partir de diálogos com Flora Almeida e Bruna Arakaki. A maior mudança da primeira versão até a atual foi a utilização de letterings durante o filme, a fim de esclarecer as diferenças das batalhas de sangue e de poesia e explicar o que são as rodas culturais e o contexto ao qual estão inseridas.

O cronograma foi organizado, principalmente, a partir dos dias e horários das rodas culturais e busquei adaptar os meus horários em outros trabalhos para estar presente desde antes dos eventos começarem. O cronograma final se encontra no Apêndice I.

3 PERCEPÇÕES

Neste item relato as impressões que tive dos agentes que participaram do processo, relacionando com o próprio desenrolar das filmagens. Busco, portanto, descrever minhas percepções do papel do Bando Editorial Favelofágico, das dinâmicas das Rodas Culturais presentes no *Travessia* e, por fim, do comportamento de cada um dos personagens e suas funções nos eventos.

3.1 Bando Editorial Favelofágico

Segundo os membros do Bando Editorial Favelofágico, eles se definem no Facebook como “um movimento de produção literária que pretende estimular o surgimento de novos autores e, dessa maneira, contribuir para o fortalecimento de uma literatura que desenvolva estética e tematicamente a experiência humana como fenômeno social”.²

Um de seus projetos é a realização de uma residência literária com autores de classes populares, a fim de fomentar a escrita e a publicação desses escritores. A residência é composta por oficinas, acompanhamento de escrita e perambulações no Centro do Rio em busca de personagens e cenários para suas narrativas. Muitos desses autores não possuem nenhum material publicado. Nesse contexto, ao fim da residência, o Bando organiza os textos, oferecendo todo apoio editorial, desde revisão e copidesque até o acompanhamento da diagramação e, por fim, publica um livro com a coletânea dos trabalhos produzidos por esses artistas.

Durante o período que acompanhei as oficinas, pude ver pessoas totalmente envolvidas no processo de criação, que articula uma dinâmica de provocações filosóficas com a escrita. Os selecionados para a residência são homens e mulheres de idades variadas e com diversas ocupações, como estudante, porteiro, ator e aposentado. Nesta edição, foram criadas novelas a “quatro mãos”. Os residentes organizavam-se em duplas para escrever suas histórias. Os efeitos do apoio do Bando na criação de narrativas contra hegemônicas por atores sociais, normalmente, desconsiderados pela indústria editorial transbordam o espaço desses encontros. O coletivo provoca a criação de histórias sob a perspectiva de autores normalmente marginalizados. O fundamento é que haja uma resistência à esse processo sustentado pelo mercado, que não deve ser encarado apenas, adverte Canclini (2000), como um simples processo de homogeneização, mas de reordenamento das diferenças, à medida que ocorrem resistências ao processo hegemônico. O Baile Literário se insere nesse contexto de luta, pois amplia o trabalho dos escritores e envolve os moradores no processo. Mesmo em meio a ondas de violência, há uma forte agitação cultural em Manguinhos.

A segunda edição do Baile Literário ocorreu no dia 16 de dezembro de 2016. O evento faz parte da Agenda Cultural Mandela Vive, que “é um calendário de eventos de

² A página do Bando Editorial Favelofágico, no Facebook, pode ser acessada em: <https://m.facebook.com/pg/favelofagia/about>

criação, investigação e apresentações artísticas nos campos da literatura, da música, do teatro e das artes plásticas. Tendo como protagonistas os moradores do Complexo de Favelas de Manguinhos, também conta com a participação de artistas de outros territórios, militantes e acadêmicos.”³

Durante o tempo de acompanhamento das oficinas e da preparação do Baile, pude perceber que o Bonde é um grande articulador de movimentos sociais em busca de direitos da comunidade. Procura fazer-se presente nas manifestações e repercutir as ações vindas da população.

Na edição de 2016, o evento buscou estar ainda mais unido com os jovens locais. Para isso, dialogaram permanentemente com a produção da Roda Cultural do Pac’stão e, através dela, de algumas outras Rodas do subúrbio do Rio. A intenção era envolver os jovens no processo, visto que são eles que ocupam a praça todos os dias, onde ocorre o Baile uma vez ao ano. Apesar de ter como finalidade o lançamento do livro desenvolvido pelos escritores, durante a residência literária, grande parte do evento foi destinada a cultura do hip-hop. A organização do Baile convidou o DJ residente da Roda, *Deejay Chorão*, para tocar durante os intervalos de apresentações do baile e os jovens 2D, Eduardo Costa, e Tapre, Jéssica Colluci, para serem os mestres de cerimônia, assim como o são na Roda Cultural do Pac’stão. A fim de aumentar essa conexão entre o evento e a juventude de Manguinhos, busquei finalizar um primeiro corte do *Travessia* para o dia do Baile. Ainda que o mesmo não estivesse na programação.

O Baile Literário e a forma com que o Bando o organiza é de grande importância para a comunidade. Além de ser um evento que leva a população diversas vertentes da música, da literatura e das artes em geral, serve também para articular atores sociais locais e, portanto, possibilitar novas iniciativas e/ou projetos.

3.2 As Rodas Culturais

As Rodas Culturais são ocupações de praças e espaços públicos, normalmente ociosos, com intervenções artísticas. No caso do Rio de Janeiro e em outras cidades do país, a maioria desses encontros giram ao entorno da cultura do rap e do hip-hop. Não é à toa que a

³ Disponível em: <https://mandelavive.wordpress.com/sobre/> . Acessado em: 02 de Abril de 2017.

busca por “Rodas Culturais” em sites de pesquisa resulta, majoritariamente, em rodas culturais de rima e de culturas afins.

Nos últimos anos, a rua tem voltado a ser palco de ações culturais, sociais e artísticas. A falta de espaços destinados à cultura e ao lazer nas áreas periféricas do Rio de Janeiro tornam as praças, antes abandonadas ou pouco frequentadas, uns dos lugares possíveis para novas manifestações. Nesse contexto, surgem as Rodas Culturais que têm mobilizado, cada vez mais, frequentadores.

Durante a pesquisa e a elaboração deste relatório, conheci o trabalho realizado pela professora Rôssi Alves e estudantes do curso de Produção Cultural da Universidade Federal Fluminense do Campus de Rio das Ostras. Nos últimos anos, eles vêm desenvolvendo pesquisas com ênfase nas rodas culturais e batalhas de rima. O projeto “Arte de rua e resistência”, que tem como principal objetivo refletir a respeito da ocupação artística no espaço urbano e as relações entre os produtores e agentes culturais com o poder público, construiu um mapa colaborativo¹ das Rodas Culturais no Rio de Janeiro. Esta pesquisa nos mostra a dimensão e o crescimento dessas manifestações em todas as regiões do Estado.⁴

Esses eventos são organizados semanalmente, normalmente, em um ponto de encontro da juventude local. Além de valorizar a cultura negra, urbana e periférica, os jovens acabam formando um grande coletivo em prol do movimento do hip-hop, que conta com grafiteiros, skatistas, pichadores, DJs, poetas e dançarinos de break.

Além das apresentações de dança e música, as rodas culturais tem como ápice as batalhas de sangue e batalhas de poesia. As batalhas de sangue consistem em duelos entre MC’s através de rimas. Cada um busca “derrubar” o adversário salientando o que considera vergonhoso no outro. A escolha desses MC’s é feita por sorteio, após se inscreverem com um dos produtores da roda. A inscrição é livre, gratuita e feita até poucos momentos antes do início da prova. O vencedor da batalha é definido pelo público por meio de aplausos.

A batalha de poesia, também conhecida por “Slam”, se trata da competição que tem como base a poesia falada e performática. Nessa modalidade, os poetas também podem se inscrever com os produtores da roda de forma livre, mas a dinâmica não se dá por duelos

⁴ O mapa das rodas culturais faz parte do projeto “Arte de rua e resistência” e está disponível em: <http://www.artederuaeresistencia.com.br/mapadasrodas>

diretamente entre os artistas. A seleção dos vencedores geralmente é feita por um júri popular, escolhido espontaneamente entre o público. Essas pessoas dão notas aos poetas, levando em consideração principalmente dois critérios: a poesia e a desempenho.

Neste item, descreverei as duas rodas culturais retratadas no filme. Abordarei percepções pessoais acerca de suas estruturas, histórias, localização e dinâmica.

3.2.1 Manguinhos

Organizada por moradores de Manguinhos, a maioria deles jovens, a Roda Cultural do Pac'stão acontece toda segunda-feira, às 19h, em frente à Biblioteca Parque de Manguinhos. A praça, reformada com recursos do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), do Governo Federal, teve o seu nome ressignificado pelos moradores. Os produtores da roda passaram a chamar o local de "PAC'stão". Uma alusão ao Paquistão, pelo fato de ser uma grande área de conflitos armados, à obra do governo e à ressignificação da sigla PAC para "Por Amor à Cultura".

A praça, que conta com uma grande pista de skate e tem ao seu redor diversos grafites e pichações, atrai diariamente dezenas de jovens. Nas segundas-feiras, o público vai chegando a partir do final da tarde. Os produtores da roda buscam montar o som e começar a discotecagem antes mesmo do horário marcado com o público. O equipamento conta com mesa de mixagem, microfones, extensões e caixas de som, adquiridas com dinheiro dos próprios jovens. Neste caso, o DJ Chorão tem realizado trabalhos externos e esse equipamento serve como material pessoal de trabalho.

As batalhas de sangue são sempre muito esperadas e antes mesmo de começarem, o público já realiza pequenos duelos em rodas. Já as batalhas de poesia não ocorrem sempre, pois comumente tem menos inscritos. O "Slam" tem se popularizado e esse quadro tem mudado, porém muitos jovens ainda se sentem inseguros em participar dessa modalidade por acreditarem que é preciso muita sabedoria e não é um espaço para amadores. Foi da Roda do Pac'stão que saiu o vencedor da batalha de MC's do Festival Terra do Rap. Alexandre Campos é frequentador assíduo da roda e um de seus produtores. Nesta competição superou

97 concorrentes e ganhou uma viagem para Portugal. Essa conquista empolga outros jovens que acabam se inspirando nele.

A roda de Manguinhos tem uma estrutura bastante horizontalizada e conta com diversos produtores, pois todos contribuem para o acontecimento do evento. Possivelmente influenciados por ações culturais desenvolvidas na comunidade, os produtores buscam abraçar outras minorias como mulheres e gays. Isso pode ser visto nas batalhas de sangue pelos argumentos dos competidores que se saem melhor. São mais aplaudidos aqueles que não fazem rimas misóginas e homofóbicas. Isso cria uma consciência nos artistas, pois passam a refletir sobre o papel opressor que podem representar, ainda que produzindo rap.

O público é convidado pelo Facebook, que é atualizado regularmente com fotos, vídeos e convocações para eventos e manifestações. Nos eventos, há uma descrição com a programação da roda, apresentando alguns artistas, DJ's residentes, convidados e outras atrações.

3.2.2 Arará

A Roda Cultural da União PH acontece às terças-feiras, às 19h, na Praça Padre de Souza, também conhecida como Praça H, em Benfica, no Rio de Janeiro. O nome da praça foi o que inspirou os fundadores, a intitularem a roda como: "União PH". O local fica apenas a dois quilômetros da Biblioteca Parque de Manguinhos, tendo muitos frequentadores em comum com a roda do Pac'stão. Organizada por jovens da comunidade, a roda surgiu de forma natural. Alguns já frequentavam a praça para fazer rimas e conversar sobre rap. Nesse contexto, Rafael Cordeiro, um dos fundadores, decidiu organizar o evento, que logo foi abraçado pela comunidade e começou a atrair moradores das redondezas. A edição do dia 13 de junho foi a de número 105. Ou seja, a roda possui um pouco mais de 2 anos.

No dia de gravação no local, cheguei um pouco antes do horário e pude ver os organizadores montando a estrutura do evento. É armada uma grande lona, que fica amarrada a árvores e, embaixo, são colocadas a mesa e as caixas de som. A praça conta com bancos, mesas, quadra de esportes e quiosque. Neste dia, o número de frequentadores foi em torno de

cinquenta pessoas de várias faixas etárias, porém os produtores afirmam que já chegaram a receber mais de mil pessoas em um só dia.

As batalhas de sangue são o ponto central desta roda. Os organizadores são mais velhos que os da roda do Pac'stão e organizam alguns eventos maiores, como um encontro de rap na Praia Vermelha, na Urca, no Rio de Janeiro. Aqui, a organização é mais verticalizada e, apesar do microfone estar aberto aos inscritos, há um controle maior. A sensação é que era menos colaborativo, com um rigor na qualidade dos rappers, a fim de entreter o público. O fato de os produtores darem prêmios, como bonés, camisas e também dinheiro, contribuiu para que eu entendesse dessa forma.

3.3 Personagens

Traçarei um breve perfil de cada jovem retratado e a sua relação com as rodas culturais, tendo como base as minhas conversas e relações com cada um deles. Não houve uma entrevista específica ou descrição de cada um sobre si mesmo para este item. Portanto, isso implica que o descrito a seguir deve ser visto como percepções de uma pessoa externa ao processo e que começou a frequentar esses espaços há pouco tempo.

3.3.1 Jéssica Colluci

Jéssica Colluci, conhecida como Tapre, é uma jovem de 21 anos, moradora de Manguinhos e grande articuladora local. Não havia muitas mulheres nas rodas em que estive. Não vi nenhuma competindo nas batalhas de sangue. Porém, em conversas com a Tapre soube que elas têm cada vez mais ocupado esses espaços. Jéssica é multiartista. Faz poesia, canta e é mestre de cerimônia da roda do Pac'stão. Em Março de 2017, foi a principal organizadora e idealizadora da Roda Cultural do mês das mulheres. O evento reuniu artistas femininas de várias partes do Rio de Janeiro e contou com atividades inteiramente feitas por mulheres.

Jéssica foi fundamental para o *Travessia*. Foi ela quem me apresentou a outros artistas e quem me levou em algumas outras rodas. Durante as rodas em Manguinhos, ela busca não competir. Normalmente diz: “Vou soltar uma poesia só para esquentar!”.

3.3.2 Alexsander Leonício

Conhecido apenas como Leonício, foi um dos artistas que tive contato primeiro. Ao me ver na praça, antes do início da roda, segurando a câmera, ele se aproximou e começou a puxar assunto. Perguntou sobre equipamentos e demonstrou o interesse em fotografia e filmagem. Logo depois, questionou o que eu estava fazendo ali. Conteí um pouco dos meus objetivos, mas nada tão claro, pois naquele momento nem eu mesmo sabia qual produto final iria gerar com as gravações. Logo comecei gravar com ele, e maravilhado com seu desempenho, aceitei um convite para dirigir um de seus clipes. No mês seguinte, logo após o Baile Literário, filmamos o “*50 Tons de Sangue*”,⁵ que atualmente está disponível no canal do Leonício, já contando com mais de mil visualizações. Leonício é um grande rapper. As suas letras tem uma qualidade inegável. Como ele mesmo afirmou, prefere as batalhas de poesia e pude perceber que há um certo desconforto com a agilidade e competição acirrada da batalha de sangue. Foi ele quem ficou em primeiro lugar no dia do Baile Literário, ganhando dezenas de livros, camisa, bottons e até mesmo uma tatuagem oferecida por um espectador no dia do evento. Quando gravamos o clipe, Leonício já tinha tatuado: “*Rap é compromisso*”, música eternizada por Sabotage.

3.3.3 Matheus Leedy

Com o corpo coberto de tatuagens, Matheus Leedy, conhecido como Duclan, é o organizador da Roda Cultural de Bonsucesso. Aos 22 anos, o jovem tem muita vontade de ter seu trabalho reconhecido. Para isso, participa de várias competições e é famoso no meio das rodas.

⁵ O clipe “50 Tons de Sangue” é uma parceria de Leonício com Bigorna Surtado e pode ser acessado em: <https://www.youtube.com/watch?v=qErmezcza6Q>

Os dias que tive maior contato com ele foram na roda da União PH e na de Bonsucesso. No primeiro, ele concorreu a uma vaga para as etapas finais do Baile e foi o vencedor. Nesse dia, gravei a entrevista que aparece no filme. No segundo encontro, na roda que organiza, haveria uma seleção, porém nenhum poeta se inscreveu. Muito desconcertado, Duclan me confessou que não sabia o que tinha acontecido, pois a roda, que acontece às sextas-feiras, costuma atrair muitos amantes do rap.

Matheus me contou sobre diversos projetos que possui e que quer fazer um canal no Youtube com cobertura das rodas culturais do Rio, servindo para divulgar os eventos e, também, os artistas.

3.3.4 Guilherme Antunes

Guilherme Antunes, conhecido por Mc Guui, também é um dos produtores da roda de Manguinhos. O rapper faz parte de uma família chamada Velafa. As famílias são grupos de rappers que fazem algumas parcerias e/ou sempre se apresentam juntos.

Mc Guui tem um jeito calmo e não procura ter protagonismo na roda, a qual ajuda a organizar. Reconhecido pelos frequentadores, acredita muito na importância do evento para fazer com que os mais jovens “não façam coisas erradas”, como afirmou em entrevista. Por ser introspectivo, encontrou na literatura e na escrita uma forma de se expressar e foi logo elogiado pelos mais próximos. Agora é um dos nomes mais importantes do rap de Manguinhos. A sua fala é o primeiro que aparece no filme e explica bem o atual cenário e os ideais dos produtores do Pac’stão.

3.3.5 Tarcísio Lima

Tarcísio Lima é frequentador da roda de Manguinhos desde a criação do evento. Tem grande habilidade com a escrita e com a criação de poemas. O jovem que tinha 21 anos durante as gravações, neste ano, passou a colaborar o jornal local, o *Fala Manguinhos*.

O artista teve o seu primeiro contato com os livros com a bisavó, que trabalhava como zeladora em um colégio. Acredita que a literatura é revolucionária e uma das formas de evitar

que os jovens entrem para o tráfico. Tarcísio foi um dos finalistas da batalha do Baile Literário.

3.3.6 Bruno Felipe

Famoso como Lil B, o artista foi selecionado para as finais no mesmo dia do Duclan, na Roda do Arará. Também com 21 anos de idade, conta que começou a escrever três anos antes. Foi na escola que apresentou a sua primeira canção e, pelo sucesso gerado, começou a se envolver mais com o rap e com a poesia.

Bruno é frequentador das duas rodas citadas neste relatório, porém não é produtor de nenhuma delas. As suas letras são fortes e trazem os conflitos psicológicos dos jovens periféricos nas cidades grandes. Trazem referências literárias e falam sobre drogas e questões oníricas, como nos trechos da poesia que o classificou: “Eu sonhei que sonhava. Ninguém me entende. Eu abri minha janela para tentar fugir. Não sei de quem. Eu acho que era de mim. [...] Os meus pesadelos tornaram frequentes eram sangue, eram morte, eram gangues, eram gente”. Na seleção para o Baile, ganhou a maior nota, 10, de todos os jurados.

3.3.7 Alexandre Campos

Xandy já tem uma carreira como artista e se apresenta em diversos eventos de Rap. Contribui com a produção da Roda de Manguinhos e é muito querido por lá. No último ano, ganhou a batalha de MCs do Festival Terra do Rap e, com isso, ganhou espaço no cenário artístico. O prêmio garantiu a ele uma viagem para Portugal, a fim de mostrar seu trabalho, e gerou matérias em grandes portais de notícias, com o *Jornal Extra*.

Alexandre tem uma voz intrigante. De tão envergonhado parece que as palavras saem engasgadas, mas isso parece potencializar o que é dito. Desde os 15 anos, frequenta rodas e exercita a habilidade da rima. Como poeta, tem letras fortes, ritmadas e com diversas referências do mundo do rap.

4 TRAVESSIA

4.1 Concepção da obra

Travessia foi concebido a fim de valorizar as rodas culturais e divulgar as artes que estão sendo feitas nesses espaços por jovens periféricos. Busquei trazer na montagem e edição do filme as sensações de estar em um desses espaços. Havia sentido todas essas descobertas há pouco tempo e quis passá-la ao espectador.

Assim como a poesia declamada por esses artistas, procurei dar ao filme uma musicalidade forte. Com esse fim, montei as cenas de forma que as falas tivessem um ritmo e a trilha perpassasse o filme. A escolha das músicas foi de grande importância para a cadência do *Travessia*. Pensada em conjunto com a musicalidade dos enunciados dos personagens e as músicas captadas pelo som direto, a trilha entra em três partes do filme. No início, apresentando os espaços, no meio, criando um novo momento, mais dedicado às entrevistas e, ao fim, para o *lettering* final e os créditos.

O filme tem como base o discurso desses jovens, ou seja, a verbalização da realidade ao qual estão inseridos. Em Foucault (1996), “o discurso nada mais é do que a reverberação de uma verdade nascendo diante de seus próprios olhos”. O foco é dado a essas vozes, que vêm de diversas formas, seja cantada, declamada ou falada. O objetivo é gerar debates e amplificar a mensagem desses artistas. Não é a toa que *Travessia* começa com a fala do Guilherme Antunes, que contextualiza as rodas culturais no cenário político social brasileiro. O filme inicia apenas com o áudio de Guilherme, pois, além de elevar a fala ao papel principal, experimento o surgimento dos enunciados descolados das imagens dos falantes. Trata-se de uma estratégia para que o espectador ouça as vozes dos emissores mesmo os desconhecendo. O conceito é que se descubra as rodas culturais primeiramente pelo som. Ainda que o poder estético desses espaços seja muito grandes, ouvir o que é dito é fundamental para a compreensão da magnitude das rodas culturais.

Todas as imagens do filme foram captadas do ponto de vista de um frequentador. Essa foi mais uma das formas que estabeleci a fim de trazer o espectador para o universo das rodas, aproximando-os à experimentação de estar presencialmente nesses espaços. As quebras da quarta parede corroboram para esse objetivo, pois durante esses eventos, concomitantes às batalhas ou durante os intervalos, são feitos pequenos círculos, onde os

artistas cantam ou declamam seus poemas muito próximos uns aos outros, a fim de mostrar o que tem produzido e o que pretende apresentar no palco.

4.2 Montagem e Edição

A montagem e a edição foram fundamentais para trazer a experiência das Rodas Culturais para o audiovisual. Nos itens a seguir, descrevo como organizei o material captado, pensando nesses aspectos visuais e sensoriais.

4.2.1 Lettering

Após exibir o primeiro corte do *Travessia* que foi projetado no Baile Literário, o mostrei para alguns amigos e membros do Bando e percebi a necessidade de colocar informações no filme de forma mais didática, a fim de explicar a dinâmica da roda aos que desconhecem. Os textos procuram esquematizar as rodas e contextualizá-las na realidade sociopolítica do Rio de Janeiro.

Desenvolvido para o corte final, o texto dos *letterings* foi feito com a contribuição da Flora Almeida, já citada neste relatório. Buscamos elucidar e diferenciar a batalha de poesia da batalha de sangue e esclarecer o que é a Roda Cultural e em que contexto social ela se inscreve.

A fonte e o formato com que os *letterings* aparecem no filme remetem a estética do rascunho e da iluminação de rua. O formato de rascunho, sobrepondo textos irregulares à imagem, relaciona-se com a forma que esses jovens escrevem as suas rimas em cadernos ou no celular, muitas vezes nos transportes e/ou pequenos intervalos de afazeres. A sobreposição de informações, visuais e sonoras, traçam um paralelo entre o filme e a arte do rap. O formato de apresentação com as letras piscando antes de se fixarem na tela remete à iluminação de rua e ao momento que a luz acende, fazendo uma alusão ao esclarecimento dos fatos e mantendo uma estética urbana e periférica.

4.2.2 Captação e Edição de Imagens

Toda a filmagem do filme foi feita com a câmera na mão, sem a utilização de estabilizadores. Além de diminuir a quantidade de equipamentos na locação, facilitando a mobilidade e causando menos impacto aos presentes, essa decisão foi ao encontro de ter uma estética mais natural. Essa escolha corroborou para aproximar o filme à experiência do frequentador da Roda.

As cores do filme assumem a estética da iluminação de rua, mantendo a temperatura das luzes de postes e holofotes. Portanto, a manutenção das cores captadas na filmagem foi utilizada como linguagem. Durante a gravação, compus a fotografia do filme tendo como base a própria iluminação da rua, as utilizando como contraluz, luz de cabelo, luz principal, etc. Muitas vezes, essas luzes também aparece no filme, formando Bokeh - nome do efeito causado pelos pontos de claridade desfocados ao fundo da imagem.

Quanto a relação da imagem com o som, por vezes, escolhi iniciar as cenas primeiramente pelo áudio. Além de chamar atenção do espectador para outros aspectos filmicos, procurei tirá-lo de sua zona de conforto. Esse aspecto aparece, principalmente, no início do filme, momento que o espectador recebe a mensagem sem ter acesso ao emissor. A essa escolha soma-se o fato de querer que a primeira personagem a aparecer no filme fosse do sexo feminino. A forte presença da poetisa Tapre, com uma fala combativa, busca valorizar a luta das mulheres pela ocupação desses espaços e de tantos outros.

As imagens captadas dos locais onde acontecem as rodas têm como finalidade ambientalizar e localizar o evento, além de enaltecer a beleza local, com suas construções, grafismos, pichações e grafites.

4.2.3 Captação e Edição de Som

O filme conta com uma trilha sonora e captações diretas de áudio. Utilizei um microfone direcional acoplado a câmera. Essa escolha foi feita, visando diminuir a quantidade de pessoas na locação e facilitar a mobilidade na hora de gravar. Porém, isso

implicou em alguns desafios, pois foi preciso harmonizar as escolhas estéticas com as possibilidades sonoras. Em algumas cenas, ao mesmo tempo que precisei buscar um bom enquadramento com as luzes do próprio ambiente, foi preciso estar alerta aos ruídos sonoros, como falas de frequentadores próximos a mim, e à altura do som, que saía das caixas, para não estourar o áudio captado.

Na edição, utilizei técnicas para diminuir os ruídos, como chiados intermitentes e sons causados pelo vento no microfone. O som é parte fundamental para o *Travessia*. A entrada das falas antes das imagens buscam valorizar o que é dito e provocar no espectador o costume de ouvir as falas dos indivíduos, mesmo os desconhecendo fisicamente.

A trilha sonora buscou dar ao filme um ritmo marcante. A música *Shook Ones Pt. 2*, de Moob Deep, foi utilizada em dois momentos: na introdução aos espaços das rodas e nos créditos. Já *Black and Yellow*, de Wiz Khalifa, foi escolhida para dar uma quebra na narrativa e por apresentar um crescimento para a segunda parte do filme. A virada desta música foi montada em conjunto com a cena onde dois rapazes são filmados em *contra-plongée*, em busca da valorização dessa juventude. Ambas as músicas foram utilizadas em suas versões remixadas e instrumentais.

A escolha da trilha foi feita através de buscas no YouTube, tendo em vista a urgência na edição para o Baile Literário. Apesar de mensurar a criação de uma trilha original e ter conversado com alguns artistas locais sobre o assunto, acredito também na potencialidade da atual trilha para os fins citados anteriormente.

4.3 Exibição

No dia do Baile Literário, cheguei bem antes do evento para ajudar com a produção. Assim que encontrei Flora Almeida e o coordenador do Bando, Felipe Eugenio, comuniquei que havia finalizado o curta a tempo de exibi-lo. Com o grande volume de trabalho para a preparação do evento, não definimos quando o filme passaria. O Baile começou com a sessão do documentário *Filhos da Pátria* de Edilano Cavalcanti, escritor do jornal *Fala Manguinhos* e morador da comunidade. O filme conta a história de cidadãos que migraram do nordeste para tentar a vida no Rio de Janeiro e atualmente moram nas comunidades próximas à

Manguinhos. O próximo momento foi um espetáculo que intercalava músicas populares brasileiras com trechos das novelas criadas pelos escritores. Depois disso, o resto do evento foi dedicado às rodas culturais e ao rap e, para abrir essa parte do Baile, foi exibido o *Travessia*.

Assistiam à exibição todos os jovens personagens do curta e, também, muitos de seus amigos. Desavisados, todos se surpreenderam e cada vez que um novo rapper aparecia na grande tela um novo coro surgia. Completamente imersos no filme e muito animados vibravam a cada rima. Após o fim da sessão, muitos vieram conversar comigo e pude confirmar a sensação de orgulho que dividíamos.

Acredito que a apresentação de um documentário sobre esses jovens, projetado na periferia onde vivem, proporcionou a valorização e o orgulho de suas histórias. A representatividade foi fundamental para o empoderamento desses artistas, que, muitas vezes, não possuem a dimensão da importância e da riqueza da arte que produzem. Busquei em *Cabra Marcado para Morrer* e *Crônicas de um Verão* reflexões acerca da recepção de personagens sobre os seus filmes e os efeitos criados. Apesar das diferenças geracionais, tecnológicas e geográficas, as reações que percebi em Manguinhos se assemelham às da cena do documentário de Eduardo Coutinho, a qual o diretor reúne os personagens da ficção que viria a ser *Cabra Marcado* para assistirem à projeção do material rodado por eles anos atrás.

Apesar de não encontrar fundamentações teóricas sobre o assunto, traço um paralelo entre os personagens que, ainda com suas diferenças, raramente têm suas narrativas retratadas levando-se em conta os seus pontos de vista, seja na literatura ou no audiovisual. Portanto, a elaboração de um filme, que abre espaço para que um grupo social conte suas histórias, além de contribuir para a construção de uma identidade coletiva, cria memórias e documentos de suas histórias.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Elaborar, gravar e editar um curta-metragem documental sobre as rodas culturais, em especial a de Manguinhos e a do Arará, extrapolou as formalidades de um trabalho de conclusão de curso. *Travessia* significa uma nova etapa na minha vida profissional, na qual me sinto mais seguro sobre o meu conhecimento acerca do audiovisual em geral. Pude aplicar

técnicas aprendidas durante o curso de Comunicação Social, com habilitação em Rádio e TV, e traçar relações entre a prática e as teorias estudadas.

Além de vitória pessoal, o filme representa um marco para os que participaram, tratando-se do primeiro documentário desenvolvido no local sobre as rodas culturais. A narrativa também conquistou um outro objetivo, que foi o empoderamento desses artistas. Serem gravados e projetados na região onde moram foram ações que contribuíram para a suas autoconfianças.

Acredito no *Travessia* como um manifesto pelo direito desses cidadãos, que encontram na arte a arma para a resistência, levando conhecimento para a juventude da região. Por este motivo, vou levar o curta para todos os espaços possíveis, inscrevê-lo em festivais e disponibilizá-lo para eventos e mostras, acerca do tema.

O curta firmou uma parceria minha com o Bando Editorial Favelofágico. Coletivo com grande papel transformador que tem como luta política o direito à literatura e à leitura de novas narrativas, feita por escritores historicamente estigmatizados. Torço para que o *Travessia* exceda todas as expectativas e contribua, ainda mais, na luta pelos direitos sociais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

CABRA marcado para morrer. Direção de Eduardo Coutinho. Produção de Eduardo Coutinho Produções Cinematográficas e Produções Cinematográficas Mapa. Rio de Janeiro: Globo Video, Gaumont do Brasil, 1964/84. 35mm (119min), sonoro, PB e color. Port. Sem legenda.

CANCLINI, Nestor García. *Culturas híbridas*. São Paulo: EDUSP, 2000.

CHARLOT, Bernard, (2000). *Da relação com o saber: elementos para uma teoria*. Porto Alegre: Artemed.

CHIOQUETTA, Celso. *Do Cinema Verdade a Videoreportagem*. Londrina, 2008. Disponível em: <<https://goo.gl/riVR9q>>. Acessado em: 2 de Maio de 2017.

DAYRELL, Juarez. *O jovem como sujeito social*. Minas Gerais, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n24/n24a04>>. Acessado em: 15 de Junho de 2017.

DA-RIN, Silvio. *Espelho Partido: Tradição e Transformação do Documentário*. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2004.

EDUARDO, Cléber. *Crônica de um Verão: Reflexo e invenção de seu próprio tempo*. Disponível em: <http://www.contracampo.com.br/60/cronicadeumverao.htm>. Acessado em: 12 de Maio de 2017.

FOUCAULT, M. *A Ordem do Discurso*. São Paulo: Loyola, 1996

FURTADO, Maria. *Ficção e subjetividade no documentário de Eduardo Coutinho*. In: Anuário de Literatura, ISSN: 2175-7917, vol. 17, 2012. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/literatura/article/viewFile/2175-7917.2012v17n1p193/2490>> Acessado em: 21 de Abril de 2017.

GUATARRI, Félix. *A microfísica dos poderes e micropolítica dos desejos*. Paris: Bernard Barrault Ed., 1985. Disponível em: <<https://territoriosdefilosofia.wordpress.com/2014/12/16/1985-microfisica-dos-poderes-e-micropolitica-dos-desejos-felix-guattari/>>. Acessado em: 18 de Junho de 2017.

RAMOS, Fernão. *Cinema Verdade no Brasil*. In: TEIXEIRA, Francisco; Documentário no Brasil: Tradição e Transformação. São Paulo: Summus Editorial, 2004 p. 81-96

APÊNDICE I - Cronograma

Descrição	Data
Compra de Equipamento	10/11/2016
Reunião Oficial com o Bando	22/11/2016
Gravação Residência Literária	22/11/2016
Gravação Residência Literária	23/11/2016
Gravação Residência Literária	25/11/2016
Gravação Manguinhos	21/11/2016
Gravação Manguinhos	28/11/2016
Gravação Arará	29/11/2016
Gravação Bonsucesso	02/12/2016
Edição para o Baile Literário	04/12 a 15/12/2016
Baile Literário 2016	16/12/2016
Edição Final com Lettering	23/01 a 04/04/2017
Gravação DVD	20/06/2017
Impressão de Capa	20/06/2017
Entrega do Relatório ao Orientador	22/06/2017
Entrega do Relatório Corrigido ao Orientador	23/06/2017
Entrega do Relatório à Banca	25/06/2017
Defesa do Projeto Prático	04/07/2017

APÊNDICE II - Orçamento

Descrição	Valor
Microfone Rode Videomic	R\$ 750,00
Mídias de DVD	R\$ 10,00
Transporte e Alimentação	R\$ 200,00
Impressões	R\$ 40,00
Estojo de DVD	R\$ 10,00
TOTAL	R\$ 1010,00

ANEXO I

CONTRATO DE PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS QUE CELEBRAM ENTRE SI O CENTRO AFROCARIOCA DE CINEMA E FLAMINGO FILMES

O Centro Afro Carioca de Cinema, com sede na Rua Joaquim Silva nº 40, Lapa, Rio de Janeiro - RJ, inscrita no CNPJ sob nº 10.205.079/0001-40, Insc. Municipal nº 0.427.930-1, doravante denominada CONTRATANTE, e Thiago Antunes Caetano Alves, sediada na Rua Benjamin Constant, nº 47, apto 502, Ed. Luanda, Glória, Rio de Janeiro - RJ, inscrita no CNPJ sob no 26.627.029/0001-91 e Insc. Municipal no 1.033.513-2, doravante designado(a) CONTRATADO(A), têm entre si justo e contratado o seguinte:

CLÁUSULA 1 - INSTRUMENTOS CONSTITUTIVOS

O presente contrato será regido pelas cláusulas e condições aqui estipuladas.

CLÁUSULA 2 - OBJETO DO CONTRATO

Constitui objeto do presente contrato, a prestação pelo(a) CONTRATADO(A), de serviços de Registro Videográfico, para a Segunda Edição Agenda Cultural Mandela Vive. Código WAC 518 - Lei de incentivo a Cultura no 5553/2013.

CLÁUSULA 3 - PREÇO

O preço total dos serviços objeto deste contrato é de R\$ 6.000,00 (Seis mil reais).

CLÁUSULA 4 - CONDIÇÕES DE PAGAMENTO E FATURAMENTO

5.1 - O pagamento correspondente será efetuado por meio de cheque nominal, mediante apresentação da nota fiscal.

CLÁUSULA 5 - OBRIGAÇÕES DA CONTRATADA

- a - Cumprir o prazo estabelecido;
- c - Comunicar à Contratante, imediatamente, todos os eventos cumpridos, bem como todo e qualquer impedimento verificado ao bom andamento dos serviços;
- d - Responsabilizar-se pelos recolhimentos dos encargos fiscais pertinentes, bem como trabalhistas;

CLÁUSULA 6 - OBRIGAÇÕES DA CONTRATANTE

- a - Efetuar os pagamentos devidos nos seus vencimentos, conforme cláusula 4.

CLÁUSULA 7 - MODIFICAÇÕES

Quaisquer modificações deverão ser solicitadas e acordadas pelas partes, por escrito.

CLÁUSULA 8- FORO

Fica eleito o Foro da Cidade do Rio de Janeiro – RJ, que será competente para dirimir as dúvidas e questões que direta ou indiretamente sejam decorrentes deste contrato.

Por estarem justas e contratadas, assinam o presente instrumento em 03 (três) vias de igual teor, na presença das testemunhas abaixo firmadas.

Rio de Janeiro, 12 de dezembro de 2016.